REGIONALISMO: A REVERIFICAÇÃO DE UM CONCEITO[1]

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos[2]

RESUMO:

O artigo é resultado do trabalho que desenvolvemos no GT de Literatura Comparada da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística –, em projeto de pesquisa que tem por objetivo discutir os conceitos críticos na América Latina, verificando a pertinência de tais conceitos e suas reconfigurações hoje em dia. Sob esta perspectiva, nossa reflexão volta-se para a revisão do Regionalismo como renovada categoria trans-histórica, cujo conceito operatório torna-se validado, em sua análise, para explicar os atuais transladamentos culturais e ao que o discurso crítico latino-americano denomina "transculturação narrativa".

Palavras-chave: Crítica; Literatura Comparada; Regionalismo; Transculturação; América Latina.

ABSTRACT:

This article is the result of a work developed in the National Association of Postgraduate and Research in Letters and Linguistics (ANPOLL) Comparative Literature GT, in a research project that aimed to discuss the critical concepts in Latin America, verifying the pertinence of such concepts and their reconfigurations

1 Trata-se de reflexões realizadas em decorrência do projeto "Teorias críticas de Literatura Comparada na América Latina", do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, que visa à discussão, entre outros, dos seguintes conceitos de crítica na América Latina: alegoria do Terceiro Mundo, canibanismo, dialética da malandragem, entre-lugar, estética da fome, estômago eclético, ex-tradição, heterogeneidade cultural não-dialética, hibridismo, idéias fora do lugar, literatura de fundação, mestiçagem, mirada estrábica, modernidade periférica, pós-ocidentalismo, razão antropofágica, realismo mágico, subalternidade, super-regionalismo, transculturação e tropicalismo. O projeto visa a produzir uma história da crítica e do desenvolvimento da reflexão teórica no subcontinente, a partir de um trabalho de autoria coletiva, fruto de um efetivo diálogo entre os membros do GT.

2 Doutor em Literatura Comparada. Professor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Membro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística.

nowadays. Under this perspective, our reflection goes back to the revision of the Regionalism as a renewed trans-historical category, whose operative concept is validated, in this analysis, to explain the current cultural translations and what Latin-American critical speech denominates “narrative transculturation.”

Keywords: Criticism; Comparative Literature; Regionalism; Transculturation; Latin America.

SITUAÇÃO CRÍTICA.

Com o advento do século XXI e a expansão da globalização cultural, alguns conceitos críticos e operacionais, relativos à vida da cultura, acabam sofrendo reformatações outras, questionando perspectivas binárias, numa evidente necessidade de se pensar “para além dos binarismos”, que ainda formataram o projeto moderno no século passado. Em particular, as noções de região e regionalismo e suas confluências em “regiões culturais”, não só tiveram suas perspectivas “defasadas”, mas ao mesmo tempo colocaram em demanda uma outra “situação crítica”, voltada para a “permanência” do local/localização e da aldeia.

Assim, este ensaio visa à verificação da perspectiva crítica contemporânea acerca do conceito de regionalismo e “regiões culturais”, com base na crítica literária e cultural latino-americana, sublinhando a natureza e função de um conceito e o lugar de enunciação da crítica para melhor entender sua operacionalização nos estudos de literatura e cultura na contemporaneidade. Dentro do amplo painel geográfico que constitui o caráter matizado da discussão acerca do regionalismo no continente, interessa-nos discutir, além dos significados ressemantizados em torno de um conceito específico, a situação de uma região cultural em particular: a do entorno do Pantanal Sul-mato-grossense. A reflexão a partir deste *locus* específico justifica-se por um processo de formação cultural particular que, temperado por outros processos culturais diversificados, oferece-se hoje como um rio caudaloso a reunir o próprio e o alheio, num produtivo universo cultural, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais culturais e interculturais.

A CRÍTICA CULTURAL CONTEMPORÂNEA, OU A REVERIFICAÇÃO DE UM CONCEITO.

A discussão acerca do conceito de regionalismo ganha ressonâncias exponenciais, sobretudo a partir de Antonio Candido. Para o crítico brasileiro, formulador das três fases do romance latino-americano – regionalismo pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo –, essas fases corresponderiam as três fases da consciência cultural. Em especial, a fase do super-regionalismo, analogia a surrealismo ou super-realismo, como sublinham Diniz e Coelho (p. 426), e que corresponderia à consciência dilacerada do subdesenvolvimento, da qual é tributária a obra de Guimarães Rosa, solidamente estabelecida no solo de uma universalidade da região. (Candido, 1979, p.361-362). A análise de Candido parece ter se justificado, quando de sua formulação, ao corresponder a um momento específico do projeto moderno, que ansiava pelo lugar da interdependência cultural, assim rasurando e superando traços da "dependência". No entanto, hoje, num momento de globalização cultural, as discussões ganham foro novo e repõem questões não só de revisão, mas de afirmação no trato das peculiaridades e das produções simbólicas ligadas a certa região e ao que nela se processa e produz enquanto constitutiva de regionalismos; o que faz manter-se ainda hoje a validação do regionalismo enquanto espaço de interferência na economia global da cultura.

Em *A exaustão da diferença*, Moreiras propõe um enfoque renovado e "interessante". À idéia de super-regionalismo, o crítico contrapõe a de "subalternismo", acentuando-se a necessidade de revisão dos paradigmas críticos, especialmente dos discursos disciplinares das ciências humanas e sociais, que tinham sido pensados para representar o funcionamento das sociedades e intensamente delimitados em função da vontade de constituição das nações/nacionalidades. Moreiras consegue formular uma análise rentável para a reverificação do elemento regional, na medida em que o "subalternismo" constitui a reação, ou antes, ele "é" a crítica da dependência cultural e da interdependência postos em perspectiva, espectralmente. Daí que, a validação do super-regionalismo como proposta crítica, sua vontade de integração, reflete mera auto-integração hegemônica, torna-se avatar de exclusão de inúmeras "formações culturais subalternas na América Latina". Segundo Moreiras, trata-se agora de redesenhar os paradigmas críticos, uma vez que o conceito se super-regionalismo teria triunfado justamente porque se tornou ele mesmo *uma auto-integração meramente hegemônica*. Auto-

integração constitutiva da exclusão do subalterno latino-americano, ou, como enfatiza o crítico, exclusão das *tantas formações culturais subalternas na América Latina.* (p. 207). Com efeito, Moreiras, ao estabelecer um debate produtivo com o conceito de super-regionalismo, num sentido mais amplo das narrativas do continente, questiona e ressignifica a perspectiva de Candido, pontuando principalmente o *locus* de enunciação fundador da heterogeneidade cultural. Como alternativa ao colapso da modernização e da exaustão do super-regionalismo, insolvente diante da condição fragmentada das sociedades latino-americanas, o subalternismo justifica sua permanência mediante o retorno do regionalismo, fustigado pela crise neoliberal, propondo uma questão assim reformulada: a do privilégio epistemológico, ou seja, de qual lugar geocultural hoje interessa falar para a obtenção de uma posição crítica re-formada? (Moreiras, 2001, p. 206-210).

Dentro dessa perspectiva, num prolongamento do questionamento de Moreiras, o crítico uruguaio Hugo Achugar assume posição teórica muito rentável e produtiva. De fato, hoje estamos diante de outras posições teóricas, não só reformuladas como ressemantizadoras das anteriores. Em *Planetas sem boca* (2006), Achugar reitera e prolonga a importância da tese do lugar de onde se fala ou a partir de onde se teoriza. Com Achugar, a paisagem da "memória" vem acrescentar-se à constituição das subjetividades contemporâneas, considerando, por exemplo, a proposta do Rio da Prata como *locus* de enunciação do crítico uruguaio, por tratar-se de uma "região fortemente atravessada nestes tempos pós-ditatoriais pelo debate em torno da memória coletiva". (Achugar, *apud* Diniz; Coelho, 2005, 430).

Também vem de Achugar uma importante reflexão sobre as **heterogeneidades** latino-americanas com base nos lugares, nas paisagens e territórios, enfatizando que o processo de homogeneização e/ou globalização faz aflorar *diferenças e integrações* [que] *apresentam uma dinâmica própria e as paisagens culturais funcionam em vários e múltiplos tempos e direções*. A partir daí, sublinha-se a queda do pressuposto da universalidade da literatura, numa crítica contundente ao eurocentrismo, bem como aos atuais processos de globalização econômico-financeira, de mundialização da cultura, de integração regional e de migração planetária, que tenderiam, assim, se não a apagar, a relativizar os limites e os espaços nacionais, o que, entretanto, segundo Achugar, não implica o desaparecimento do "local". O "monstro ubíquo" é o que conhecemos por globalização e seu reflexo no mercado, pois seu maior efeito no âmbito literário é uniformizar a cultura,

eliminando as particularidades regionais. Chama a atenção o crítico para o que parece ser crucial na sua análise, ou seja, a permanência da aldeia e do aldeão ao lado de todas as transformações tecnológicas, pouco variando, em muitos aspectos, a posição dos sujeitos na contemporaneidade cultural latino-americana:

> O aldeão vaidoso continua existindo nesse presente, mesmo se possuir ou não antenas parabólicas, esteja ligado ao rádio, a vários canais de televisão – aberta, direta ou a cabo –, seja um adepto à Internet, consuma diversos meios de imprensa escrita, marcas de jeans, ou classes de hambúrgueres, e seja cidadão do eufórico Mercosul, do agônico Pacto Andino, ou do complicado Nafta. (Achugar, 2006, p.83).

Interessa-nos, da perspectiva de Achugar, o firme posicionamento acerca da situação crítica que envolve o global e o local, uma vez que renova ampliadoramente a clave da heterogeneidade, ao contemplar as "margens" e sobras da nação moderna, assimilando-as ao nacionalismo e ao regionalismo enquanto possibilidades de resistência cultural, pontuando que, há outros lugares, *outras fronteiras não identificáveis com o desenvolvimento ou o 'progresso' tecnológico, que permitem considerar a possibilidade de que esse aldeanismo subsista em meio ao fluxo cultural e migratório dos computadores, faxes, correios eletrônicos, políticas internacionais ou associações supranacionais*. Sobretudo ainda, o mencionado aldeanismo, ou forte localismo, operaria através das peculiaridades locais como um desconstrutor do imaginário global e transnacional contemporâneos. Isso equivale a dizer que o ciberespaço continua reproduzindo traços de uma antiga cartografia, quando visto da América Latina, e não anula antigas referências localizadoras e tampouco o uso e instrumentalização que dele faz cada indivíduo em sua vida cotidiana, gerando um produto simbólico distinto. Daí tornar-se fundamental, para Achugar, a tese segundo a qual pensar a partir da América Latina é pensar a partir da periferia: "Periferia não qualifica nem desqualifica um pensamento, mas o situa." (p. 90).

Desta perspectiva, o próprio entendimento sobre "região" precisa ser revisitado. Trata-se de compreendê-la como dinâmica de um processo, onde a relação entre região, espaço e representações, subsumidas no texto e nas demais manifestações culturais reflitam as diversificadas formas de representação. Segundo as propostas do argentino Ricardo Kaliman,

> [...] uma região não é, na sua origem, uma realidade *natural*, mas uma divisão do mundo estabelecida por um ato de vontade, [...]. A região deixa de ser um espaço *natural,* com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural e literária. *(*Kaliman, *apud* Boniatti, p.85-86).

Uma região, assim, prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do Comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. Ao analisar as fronteiras do cone sul, Masina sublinha que a "a História dos países do Cone Sul estrutura-se em torno da figura do *contrabando*", por isso deixando entrever "situações que a Literatura Comparada modernamente contempla: o da *contaminação*, o da *migração de temas*, o da *intertextualidade*, o da *interdisciplinaridade*." (Masina, 1995, p. 845).

REGIONALISMO: UM CONCEITO PROBLEMÁTICO

Se, conforme Cosson (1998), o regionalismo, por si só, é duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região do país, e, ainda, se a distinção entre *o regionalismo* e *a literatura regional/sistema literário regional* deve ser preservada pela alusão e semantização de "conteúdos" específicos, além de agenciar gêneros e/ou formas diferentes, bem assim a proposta de caracterização de uma "região cultural" parece justificar-se de modo especial quando se consideram os cruzamentos entre mais de um território nacional – como é o caso da questão aqui apontada e formulada como problema, a região cultural do extremo oeste do Brasil, no Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul. A caracterização de uma região cultural específica, marcada pelas relações de troca, transferências e traduções de outras regiões, essas também caracterizadas por regionalismos outros, procuraria explicar as relações - trocas-tranferências - entre o próprio e o alheio e o entrecruzamento de uma região a outra. Trabalhos nesse sentido vêm sendo desenvolvidos no Sul do Brasil e no Norte, como bem demonstram os estudos de Boniatti (2000) e de Cosson (1998). A região cultural objeto de nossa reflexão mostra-se como uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do "Melting-pot" da fronteira Brasil-Paraguai. Trata-se da região que fez germinar um escritor como Helio

Serejo, dos mais singulares da literatura regional brasileira, comparado a Jorge Amado e autor de mais de sessenta obras literárias.

(A propósito da formulação de um problema concreto, é o caso de registrar a vasta produção da escritora hispano-paraguaia Josefina Plá, considerada a mãe da cultura paraguaia, e a da artista plástica Lidia Bais. Esta última, brasileira, sul-mato-grossense, que esteve em Assunção em viagem de estudos, vai compor, ao lado de Plá, uma trajetória poética marcada pelo voluntarismo do sonho e pelo exílio emblemático, metafórico, das histórias que se escrevem à margem dos centros, no insulamento, no extremo da civilização. Tanto a artista plástica brasileira quanto a poetisa paraguaia imprimiram em suas obras "correspondências" entre vida e obra, marcadas pelo sentimento de dilaceração, de egotismo "errático", que se podem verificar em suas respectivas histórias de vida e testemunhadas por suas produções poéticas).

A extensa área territorial que recobre o "chaco" paraguaio - região limítrofe com o Paraguai – guarda em sua história e cultura traços de identidade comum. A história dessa região do extremo oeste do Brasil pode ser revisitada a partir de perspectivas tão variadas como múltipla é a constituição identitária dela mesma. O próprio processo de colonização e desbravamento no estado de Mato Grosso, impulsionado pela gesta dos bandeirantes, deu-se pela re/demarcação e conseqüente rasura das "fronteiras" territoriais, primeiro pelas conseqüências da Guerra do Paraguai e depois pela divisão do próprio estado de Mato Grosso em território brasileiro. Independentemente dos limites de fronteira, o povoamento nessa região cultural deu-se num espaço indelimitado e indiviso, bem diverso do que demonstra a cartografia contemporânea. Os trânsitos e travessias que aí se fizeram resultam no dilema da representação cultural que constitui, a um só tempo e num só compasso, o daqueles que vivem do lado de cá, no Brasil, e os do lado de lá, no Paraguai. Assim sugerida, a postulação de uma "região cultural", caracterizadora do extremo oeste do Brasil, deixa entrever aspectos histórico-culturais de formação que vêm desde o "descobrimento" pelos europeus, a captura do índio, o encontro de metais e prata na Bolívia, e ouro em Mato Grosso, durante vários séculos, acabando no "despovoamento" e no esquecimento, que resultou tão rápido quanto foi o fato da ocupação nesta região. Ainda é recente o projeto da marcha para o Oeste. Uma faceta singular da vida e dos costumes dessa região fronteiriça com o Paraguai permite ser verificada nas próprias produções simbólicas: artes plásticas, língua/literatura, música, costumes / regionalismos,

culinária, crendices/lendas, manifestações religiosas e folclóricas, etc. Um significativo fato histórico-cultural refere-se aos intercâmbios feitos, no início do século passado, entre os povos desta região fronteiriça, pois as viagens, o acesso e intercâmbio comercial eram concreta e plenamente efetivados com o Paraguai e não com o Leste ou centros brasileiros da época, aspecto conformador de um particular isolamento e de um destino marcado pela cultura e extração da erva-mate e por práticas culturais voltadas à criação das próprias produções simbólicas como a "Guarânia", música que bem retrata a identidade e alma do povo da região, compartilhador dos hábitos e causos nascedouros à sombra da erva-mate e da degustação do "tereré" - bebida típica da região.

Deve-se assinalar a complexidade da questão. A crítica cultural contemporânea recoloca tanto a questão do nacionalismo como a do regionalismo, reconhecendo uma assimetria e desigualdade no elemento regional brasileiro, por exemplo, que propõe estabelecimento de linguagens próprias. De modo geral, os estudiosos do regionalismo têm sublinhado cada vez mais a pertinência e atualização do regionalismo, que não se tornou categoria ultrapassada. De igual modo, um olhar reflexivo constata que o regionalismo *stricto sensu* é representado ainda hoje através das peculiaridades de uma dada região, vista em oposição às demais ou à totalidade nacional, seja em decorrência de um fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – e principalmente pelo "como" as maneiras de uma sociedade humana, numa dada região, a tornaram distinta de outra. A arte regionalista, assim, buscaria exprimir sua "substancia" do local, enfatizando os elementos diferencias que a caracterizam enquanto regional. (Diniz ; Coelho, 2005, p. 416-417). Todavia, a isto cabe fazer notar a preexistência do sertão e do sertanismo como topos anterior à caracterização do regionalismo, uma vez que, ao qualificar as diversas regiões interioranas do país, compondo o todo nacional, o sertão e aquilo que o caracterizou na literatura sertanista designa as regiões interioranas, de população escassa, cujos costumes e padrões culturais são ainda rústicos. Ao mesmo tempo em que se antepõe aos diversos regionalismos formadores do todo nacional, o sertanismo mantém influxos e compartilha com o regionalismo um *ethos* comum, com ambos compartilhando uma base, mas diferenciando-se na utilização que fazem do espaço. Ao designar regiões interioranas do país, tanto se poderia falar de sertanismo diante de obras como *Inocência*, de Taunay, ou de *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Diante de diversas obras, assim reunidas sobre a categoria de regionalistas, caberia ainda refletir sobre a hipótese da

existência, das caracterizações e/ou estilos de regionalismos nessas mesmas obras literárias. Visto como uma forma romântica precursora do regionalismo realista, o sertanismo remonta às inúmeras páginas dos narradores-cronistas-sertanistas que transformaram o sertão em personagem da literatura e da historiografia[3]. Registrem-se as inúmeras páginas escritas com o objetivo de descrever, inventariando e fabricando, a épica do sertão: Hércules Florence, com a famosa expedição Langsdorff, mapeou os planaltos do Brasil central; o Visconde de Taunay, compondo suas "visões do sertão", acompanhado por um guia – o Guia Lopes – descreveu, maravilhado, paisagens que pareciam brotar de "formas tão caprichosas e variadas (...) como se por alli houvesse, em tempos fabulosos, perpassado o gênio fantasioso, criador, subtil, de allgum architecto arabe" (sic). (Taunay, 1923, p. 13-14).

Sob essa perspectiva, salienta-se ainda o fato de parcela significativa das narrativas românticas construírem um *ethos* direcionado mais a afirmação do elemento nacional e integrador do que regional, como se constata nos românticos, com Alencar exemplificando esta tendência, onde o sentido particularista que caracteriza o regionalismo praticamente inexiste. O que, de outro modo, não oblitera o reconhecimento de que algumas obras românticas se utilizam de tipos regionalmente configurados – o gaúcho, o vaqueiro cearense – para a consecução de uma dimensão nacionalista, apesar da presença de tipos considerados *lato sensu* como regionalistas. Com Alencar, em *O gaúcho* e *O sertanejo,* ao mesmo tempo em que se patenteia a evolução do romance regionalista brasileiro, essas obras realizam a transição entre o indianismo nacionalista (*O guarani*) e o regionalismo particularista. (Diniz ; Coelho, 2005, p. 421).

Com efeito, a discussão sobre o nacionalismo e regionalismo como pólos antitéticos não se resolve ainda nestes termos, pois a crítica debate-se na dificuldade do uso de certos vocábulos, que, neste caso, resultam freqüentemente inter-relacionados, tendo às vezes o termo "localista" servido para a caracterização da literatura que provém da palavra região, atendendo uma divisão territorial, quer nos usos, nos costumes, quer na cultura.[4] De fato, o tratamento dispensado ao regionalismo continua tributário do olhar historiográfico e do socioleto romântico, que visa à

3 A transformação do sertão em pesonagem da literatura e da historiografia tornara-se importante legado a ser explorado pelo autor de *Grande sertão: veredas*. As obras de SPIX, J.B.; MARTIUS, C.F. *Viagem pelo Brasil* 1817-1820. 3v. e de WELLS, J. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil*: do Rio de Janeiro ao Maranhão. 2v. 1886, oferecem ampla e copiosa narrativa sobre o sertão e o sertanejo. (Cf. Bolle, 1999 e Assunção, 1996).

4 O crítico José Paulo Paes, em artigo na *Folha*, discute os usos da terminologia, objeto do ensaio "Regionalismo e localismos" de Elvo Clemente, na coletânea *Regionalismo sul-rio-grandense* (1996, p. 13).

valorização do nacionalismo como vertente do nacional, fixando seu olhar na pintura da natureza e de uma "natureza tipicamente brasileira", quase sempre fixando-se na cor local ou no que é de origem local. O regionalismo, enclausurado, ora promove rivalidades entre regiões e possui um conteúdo de limitação, ora como literatura regional encontra-se restrito à exploração do pitoresco e do que é típico de uma região. Entretanto, cabe assinalar o fato de que, se toda obra de arte é regional, isso não elimina seu componente de nacionalidade e universalidade. (Rouanet, 1999, p. 9-30). Assim regionalismo e/ou localismo põem em demanda, por um lado, uma atitude de valorização da cor local na ficção, a paisagem da campanha, paisagem interiorana, paisagem fronteiriça, influxos de migrações e ainda, por outro, abrem-se se de modo positivo para uma reflexão mais ampla e integradora da dialética globalização *versus* localização, constituindo a perspectiva crítica atualmente mais produtiva, baseada num discurso crítico latino-americano hoje solidamente constituído. Para essa perspectiva, revitalizada através dos debates da crítica cultural contemporânea, é que se deve centrar nossa reflexão, buscando nas tensões e fissuras do projeto moderno aquilo que nos permite rever antigas cristalizações teóricas e/ou críticas na área desses estudos, para, sobretudo, fazer ver e fazer retornar o que se tinha perdido, banido da república das letras, mas que se mostra enquanto permanência do local, da aldeia, substância da cultura que re-vive, re-nascida pelos fluxos, influxos e refluxos da atual globalização. Que enfim já demonstra sinais daquilo que realmente não é – nem global, nem globalização cultural.

Nesta perspectiva, integrando o perfil de regionalismos culturais[5], destacam-se algumas das localizações que aqui interessam mencionar, como descreve o poeta Manoel de Barros, situando sua produção a partir da região do Pantanal, que, na prosa intitulada *Livro de pré-coisas* e subintitulada *Roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (1985) tematiza o local da enunciação, chamando a atenção para os *deslimites do vago*. Uma vacuidade de campo aberto, de horizonte largo, que nos aproxima também, que associa as paisagens de um país grande e vário como o Brasil, unindo o cenário da região do poeta com o pampa gaúcho, com o sertão mineiro, com a floresta amazônica, permitindo que, nos múltiplos cantos do país, em geral sob uma formulação particular de inventiva oral com raízes na voz do povo, se construa uma verdadeira caixa de ressonâncias, um ecoar de sons variados

5 No simpósio "Regionalismos culturais: trocas, transferências, traduções", por mim coordenado no X Congresso ABRALIC (2006), encontram-se importantes análises/discussões sobre região e regionalismos culturais.

que têm entre eles, com certo ar de família. Decorrendo daí uma espécie de resposta, voz em uníssono, encontradas nas narrativas e causos do vaqueano Blau Nunes, personagem de Simões Lopes Neto e da conhecida e apreciada "Trilogia do Gaúcho a Pé" de Cyro Martins, que substitui o velho herói guasca, no Sul, no auto-diálogo interminável de Riobaldo, protagonista roseano de *Grande sertão: veredas,* no Centro, na poesia de *Cobra Norato*, do Norte visitado por Raul Bopp, na fala de Manoel de Barros em terras do Pantanal; lugares inaugurais que, na voz de Barros, podem também estar expressos na de qualquer um dos outros autores mencionados: *Os homens tocavam gado. As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.* (Barros, 1985, p. 37)**.**[6] Ainda, compondo o formidável entretecer da oralidade no continente latino-americano, registra-se a gauchesca riograndense, engendrada no meio rio-platense, num visível influxo platino na literatura gaúcha, principalmente com o muito influente *Martín Fierro*, famoso poema de José Hernández e fundador da literatura argentina, ao qual Borges dedicou importante reflexão[7]. Com uma fabulosa fortuna crítica, a personagem Martín Fierro continua renascendo através de outras formas poemáticas e conteúdos retomados e ressemantizados, como se constata nas trovas do famoso bandoleiro Silvino Jacques que se imortalizou por suas façanhas na região de fronteira Brasil-Paraguai. Em torno da figura desse bandoleiro, orientei a importante pesquisa *Silvino Jacques: entre fronteiras reais e imaginadas* da professora Maria de Lourdes G. de Ibanhes. Vários pesquisadores latino-americanos, dentre os quais Ricardo Kaliman[8], Zulma Palermo[9] e Léa Masina[10] reconceituam a região como *construto* teórico, levando em conta o substrato cultural e os processos desencadeados num espaço determinado. Atitude também assumida pelo trabalho concreto de escritores cujo *locus* de enunciação se encontra longe dos centos legitimadores da cultura, como é o caso de José Clemente Pozenato, autor de *O Quatrilho*, no Sul do Brasil . Como bem observa Léa Masina:

6 Cf. Nesta perspectiva os excelentes ensaios "Interfaces da literatura comparada" e "Relendo 'O gaúcho a pé'" de Tania F. Carvalhal.

7 Jorge Luis Borges em *O Martín Fierro* (com colaboração de Margarita Guerrero). Porto Alegre: L&PM, 2005.

8 Ricardo Kaliman é autor, entre outros, de *La Palabra que Produce Regiones. El Concepto de Region desde la Teoria Literária* (1994).

9 Professora da Universidade de Salta, dirige pesquisas literárias voltadas à Sociocrítica. Autora do ensaio "El constructo 'región literaria': problemas y perspectivas" (1995).

10 Professora da UFRGS, pesquisadora dos regionalismos culturais. Autora do ensaio "A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo" (2002).

> Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes da tradição oral, da cultura popular ibérica, com textos absorvidos de outras literaturas. O que ocorre com o regionalismo pode ser, nesse sentido, considerado uma mudança de clave, resguardadas as ressonâncias dessas passagens. (Masina, 2002, p. 98-99).

Daí verificar-se que elementos comuns numa dada região, como no caso da região amazônica, no Norte, com a épica de seus heróis viajantes, personagens sempre de passagem mas que acabam presos no solo viscoso da selva amazônica, enredados em cipós e na imensidão da selva verde, encontram ressonância na região da fronteira Brasil-Paraguai, no extremo Sul da região Centro Oeste. Lá, a narrativa paradigmática d' *A Selva* de Ferreira de Castro e *Relato de um certo oriente* de Milton Hatoum, aqui os relatos regionalistas acerca da extração da erva-mate, nas obras *Os heróis da erva, Vivência ervateira* e *No mundo bruto da erva-mate*, de Hélio Serejo, e *Selva trágica* e *Chão bruto* de Hernâni Donato. Em ambas as regiões a selva é reflexo de suas histórias de vida e descrevem um mundo distante e periférico, tratando das condições de barbárie dos que ali nasceram e viveram.

Com longa história de vida dedicada à observação da cultura regional, Serejo escreveu exatos sessenta volumes, formando um imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões lingüísticas e literárias a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate. Sua obra dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa "hinterlândia" inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteiriça do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. Este eminente regionalista da fronteira parece ter formatado a tradução cultural da região, tornando-se ele próprio uma espécie de mimetismo da cultura deste Brasil Meridional, no extremo Oeste e Centro-Sul do estado, cujas palavras de enunciação são dele mesmo:

> Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas esse (vento) vadio [...] Eu vim dos ervais, do fogo dos 'barbacuás', do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas [...] Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada,

> de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo [...] Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos [...] Fui gemido de carreta [...] Amei imensamente, o vazio aberto. (Serejo, *apud* Lins, 2002, p. 34).

A partir desses versos vêem-se perspectivas de análise muito produtivas: de um lado o registro e a fala sobre o local, a fronteira, num linguajar regional que é dispositivo essencial para a construção da personagem e sua adequação ao universo da campanha, tornando substantiva a relação entre personagem e autor em narrativas de natureza regionalista. Busca de autenticidade e instauração de verossimilhança definem-se através da voz exata e da fala que identifica cada personagem, tal como observou Jorge Luiz Borges, ao tratar do clássico *Martín Fierro:* "Na minha curta experiência de narrador comprovei que saber como fala um personagem é saber quem é; que descobrir uma entonação, uma voz, uma sintaxe peculiar, é ter descoberto um destino." (Borges, 1983, p. 14); de outro lado, a força épica que transcende o lugar, espaço da enunciação, abrindo-se para o Outro como fator de entrecruzamento, para o mundo como espaço de diálogo e escritura dos textos. Essa intenção voltada para a reescritura do elemento épico, como força reintegradora da história através do lirismo, é patente não só nas narrativas como também nos poemas cuja feição épica visam à reconstrução da história e dos fatos que marcam a região de fronteira. Como no "lirismo sintético" da escritura regionalista Raquel Naveira, autora de *Guerra entre irmãos – Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*, e de *Caraguatá,* cujo subtítulo *Poemas inspirados na Guerra do Contestado* também enfoca um evento histórico ocorrido nesta região cultural. (Ramalho, 2005, p. 141-149). Com efeito, a produção narrativa sobre a Guerra do Paraguai tem merecido vários relatos de escritores regionalistas, alguns premiados, como é o caso de *Cunhataí – Um romance da Guerra do Paraguai,* de Filomena Lepeck, e *O Livro da Guerra Grande* do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, do brasileiro Eric Nepomuceno, do argentino Alejandro Maciel e do uruguaio Omar Prego Gadea – escrito a quatro mãos.

Nessa região cultural do extremo oeste do Brasil, *de onde eu venho* – segundo a canção de Almir Sater –, sob as noites estreladas dos céus guaranis e dos primeiros acordes maviosos da Guarânia, floresceu um dos elementos mais vivos de troca de experiências, exemplo de feliz convivência: o conhecido ritmo da Guarânia, música típica da região, imortalizada em

"Saudade", letra de Mário Palmério (Si insistes em saber lo que és saudade, / tendrás que antes de todo conocer, / Sentir lo que és querer, lo que és ternura, / tener por bien um puro amor, vivir! / Después comprenderás lo que és saudade / Después que hayas perdido aquel amor / Saudade és soledad, melancolia, / és recordar, sufrir.). Também, representando a alma sertaneja, Almir Sater, na Guarânia "Sonhos guaranis", refere o fato de que, não fosse a guerra, seríamos um outro país e que somos da *fronteira onde o Brasil foi Paraguai*.

Também aí, o registro da gesta e sanha dos pioneiros da Companhia Erva Mate Laranjeira estampa-se em toda a obra de Serejo, num florescente apogeu econômico pouco lembrado hoje em dia. Em uma das "Cartas" publicadas pela Diretoria da Mate Laranjeira, escrita no Rio de Janeiro em agosto de 1941, pode-se ler a seguinte passagem:

> [...] apareciam quase sempre as dificuldades invencíveis do transporte. Imagine-se o que não seria naquela época levar o produto do planalto do Amambaí às margens do Paraguai, num percurso de 500 quilômetros mais ou menos, em região completamente despovoada, sem recursos de espécie alguma. A companhia teve que construir à sua custa estradas, pontes, vias férreas, e precisou manter durante anos uma imensa equipe de centenares de carretas e dezenas de milhares de bois e um pessoal enorme, para poder contar com serviço regular de condução para a erva.

E continua o missivista, num relato pungente de testemunho vivo do colorido daquela "ilha" civilizatória no Centro-Sul do Estado, e que merece ser lida décadas depois do lançamento de tão profícuas raízes do regionalismo cultural da fronteira:

> E assim a Mate Laranjeira que fizera nascer e prosperar Porto Murtinho, Bela Vista, Ponta Porã e outras povoações menores em Mato Grosso, veio criar Guairá e Porto Mendes no Estado do Paraná, unindo-as por uma ferrovia que margeia o Salto das 7 Quedas e liga o alto ao baixo Paraná. Como conseqüência da ação da Companhia, se formou em Guairá uma belíssima povoação, que, embora de sua propriedade particular, nem por isso deixa de receber numerosíssimos turistas e fazem a viagem no seu ferrocaril até Porto Mendes para dali conhecer uma das maiores maravilhas do continente: as Cataratas do Iguassu. Em Mato Grosso também sua ação civilizadora se estendeu a todo o Sul do Estado e hoje o seu centro de trabalho, Campanário, é um expoente do que podem o esforço e a energia dos que iniciaram essa magnífica obra e dos que prosseguiram na ação de D. Francisco e de seus cooperadores.

Em outra "Carta", publicada em *O Jornal*, em 13 de Julho de 1941, é o renomado Assis Chateaubriand quem relata o discurso que fez, "aclamado pra dizer algumas palavras em Campanário", e informa ser esta cidade de Campanário a metrópole sertaneja: "Esta cidade, dentro da selva bruta, é um élan de generosidade e de patriotismo"; registrando ainda a grande movimentação de pessoas em Campanário, a vida participativa dos jovens e professores num grupo escolar de grande prestígio. Conclui sua "Carta" com a seguinte observação: "Não falta colorido nem romanesco à história deste empreendimento".

É curioso notar que o regionalismo não se confunde com a literatura regional, pois se apresenta como um subsistema dentro do sistema literário regional, podendo, às vezes, ser lido como o próprio sistema, uma vez que, segundo Cosson: "O regionalismo é sempre duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do especifico regional e como representação literária de uma determinada região do país." (p. 86).

Mas foi Ángel Rama quem propôs importante hipótese sobre as regiões culturais no subcontinente.[11] Em seu *Transculturación narrativa em América Latina,* o crítico uruguaio observa que a suposta homogeneidade cultural latino-americana é apenas ideológica, resultado do projeto de fundação das nações, enfatizando que, sob o clave da unidade desdobra-se uma interior diversidade que é a definição mais precisa do continente. (Rocca, 2005, p. 153). Diversidade essa que caracteriza o olhar da crítica cultural contemporânea, no continente latino-americano, ao denunciar intenções político-ideológicas durante o período de construção dos estados nacionais, atuando no sentido de anular quaisquer influxos entre as literaturas de fronteira, como de fato ocorreu no Sul do país, na tentativa de isolar comunidades interliterárias do Cone Sul: Brasil, Uruguai e Argentina, segundo demonstra com propriedade Léa Masina em *A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo*:

> A convivência, historicamente conflituada, com os países vizinhos, o Uruguai e, principalmente, a Argentina, está na origem da cegueira crítica que impediu o exame isento de uma questão óbvia: a leitura e a circulação, nos meios intelectuais gaúchos, de autores uruguaios e argentinos, comprados em livrarias das cidades vizinhas, ou mesmo em Buenos Aires e Montevidéu, cidades que, pela cultura, lazer e comércio, atraíam uma parcela significativa de negociantes e estancieiros gaúchos. Assim, um livro

11 RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina.* Ver também o importante ensaio "Periodização e regionalização literárias". In: *O próprio e o alheio*, de CARVALHAL, Tania Franco.

> modesto, o *Martín Fierro*, de José Hernández, era recitado de memória, onde a peonada se reunia para ouvir a leitura e *charlar* livremente, após a lida campeira. Segundo cronistas e historiadores, a edição da primeira parte do *Martín Fierro,* conhecida vulgarmente como *La Ida* (a segunda será *La Vuelta*) alcançou tiragens que ultrapassaram os 40 000 exemplares. (Masina, 2002, p. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, quero eu próprio pensar "o lugar", pensar do meu lugar metaforicamente enquanto espaço, que é nominado como o regional, o local, o próprio, o particular, tópicos esses que demandam, por sua vez, sempre seu contrário; pensar na idéia de que eu falo, penso e existo a partir de um lugar.[12] Assim, retomo as palavras do poeta do Pantanal, Manoel de Barros, através da imagem dos "deslimites do vago", pela razão maior do lugar desta enunciação: "No Pantanal ninguém pode passar régua [...] A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites. [...]. Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos." (Barros, 1985, p. 31). Lugares onde as coisas acontecem através do "não-movimento": Elas apenas aparecem. Imagens do visto e do que se vê, em um tempo primordial. Lugares sem limites que tomei como metáfora do que do que aqui se quis dizer, na e da perspectiva teórico-crítica que discuti no espaço deste texto e de um *locus* de enunciação especifico.

Pensar sob a condição de um "vivente dos pantanais", onde muito pouco ou quase nada acontece. Como diz ainda Manoel de barros "As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem". (p. 33). Em "Manoel por Manoel", de seu último livro,[13] o poeta recoloca sua voz enunciativa: "Então, eu trago (...) a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter

12 Para esta Conclusão, contribuiu o "Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?", de Edgar Nolasco. Ensaio apresentado na X Semana de Letras "Povos do Pantanal" da UNIDERP. Campo Grande. 2006. Mimeografado.

13 BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças* / Manoel de Barros ; iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006. 23p.

sido criança em algum lugar perdido, onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela." (Barros, 2006, p 21). Evocando também o ponto alto das reflexões de Achugar, ao sublinhar *em que medida a transformação na construção das identidades locais está regida pela tradição, pelo rito, ou pela inércia – e não pela globalização*. Pensar a heterogeneidade própria e histórica de nossos países mediante as quais nossas tradições e heranças culturais permitem combinar, mestiçar, hibridar, transculturar o hambúrguer do Mcdonalds com o mate uruguaio, o chimarrão e o tereré tal como ainda agora fazemos na fronteira Brasil – Paraguai. Pensar assim a imagem de uma Babel, como no recente filme de Alejandro Gonçález Iñarritu (2006), lugar que nos ensina a ver para *além dos binarismos***.**

Nesta Babel, parece haver lugar para a presença, para a "permanência" da figura do vaqueano Blau Nunes que narra os *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto e mais os tantos "tropeiros" humildes do "Antonio Chimango"; evocando ainda, *last but not least*, o clássico *Tropas e boiadas* (1950) do regionalista goiano Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), essa jóia fundamental e pedra de toque da literatura regionalista brasileira no melhor padrão de Simões Lopes Neto e Afonso Arinos, que voltou a ser publicada, em edição primorosa, mais de 50 anos depois da sua última edição. (Lacerda Ed., 2003, 191p.)

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca* : escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas* : Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005.

ASSUNÇÃO, Paulinho. James Wells ou o sertão à espera de Rosa. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n.11, mar. 1996. Suplemento Literário, p. 14-15.

BHABHA, Homi. *DissemiNação*: Tempo, Narrativa e as Margens da Nação Moderna. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. FALE/UFMG, Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Letras, 1995.

BARBOSA, Alaor. *O romance regionalista brasileiro*. Brasília: LGE Editora, 2006.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*: roteiro para uma excursão

poética no Pantanal. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOLLE, Wille. O sertão como forma de pensamento. In: ANDRADE, A. L. ; CAMARGO, M.L.B. ; ANTELO, R. (Org.). *Leituras do ciclo*. Ilha de Sana Catarina: Abralic, 1999. p. 255-266.

BONIATTI, Ilva M. *Literatura comparada*: memória e região. Caxias do Sul: EDUCS, 2000**.**

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: MORENO, César F. (Coord.). *América latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 343-362.

BORGES, Jorge Luis; GERRERO, Margarita. *O "Martín Fierro*". Porto Alegre: L&PM, 2005.

CARVALHAL, Tania Franco. Interfaces da Literatura Comparada. In: SANTOS, P.S.N. (Org.). *Literatura Comparada*: Interfaces e transições. Campo Grande: Editora UFMS / Editora UCDB, 2001.

CARVALHAL, Tania Franco. Relendo "O gaúcho a pé". In: MASINA, L. ; APPEL, M.B. (Org.). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul*: literatura e artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

CARVALHAL, Tania Franco. Periodização e regionalização literárias. In: _____. *O próprio e o alheio* – Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção* (ensaios de literatura). Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

CLEMENTE, Elvo. Regionalismo e localismos. In: FLORES, H.A. Hübner. (org.). *Regionalismo sul-rio-grandense.* Porto Alegre: Círculo de Pesquisas Literárias / Nova Dimensão, 1996. p.13-24.

COMPANHIA MATE LARANJEIRA. Rio de Janeiro, 1941.

COSSON, Rildo. "Notas à margem de uma fronteira móvel". In: CONTINENTE Sul/Sur, Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, 1998. v.7, p.85-94.

DINIZ, Dilma C.B. ; COELHO, Haydée R. "Regionalismo". In: Figueiredo, E. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 415-433.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização:* do "fim dos

territórios" à multiterritorialidade. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produze regiones. El concepto de region desde la teoria literaria.* Tucuman: Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofia y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

KALIMAN, Ricardo. Un marco (no "global") para el estudio de las regiones culturales. In: _____. *Las regiones culturales*. Tucumán: Universidade Nacional de Tucumán – CONICET, 1998.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais* – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.

MASINA, Léa. "Fronteiras do Cone Sul: Limites transcontextuais". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 3., Niterói, *Anais...* Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995. p. 839-846.

MASINA, Léa. A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo. In: MARTINS, M.H. (Org.). *Fronteiras culturais*: Brasil – Uruguai – Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*: A política dos estudos culturais latino-americanos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PALERMO, Zulma. El constructo "región literária": problemas y perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 4, São Paulo, *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1994. p.1093-1101.

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. (Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, organizadores). São Paulo: Editora Edusp, 2001. 381p.

RAMALHO, Christina. A reintegração histórica através do lirismo sintético – Raquel Naveira. In: _____. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p.141-150.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas.* Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2003.

ROCCA, Pablo. Las comarcas culturales latinoamericanas (discusión de una hipótesis Ángel Rama). In: JOBIM, José Luis, et alii. (org.). *Sentidos*

dos lugares. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.

ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: JOBIM, José Luis. (org.). *Introdução ao Romantismo.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.09-30. (Série Ponto de Partida, 1).

SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. "Uma trajetória de pesquisa: a literatura no extremo oeste do Brasil". In: *Revista Cerrados*, Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB, Brasília, n. 19, p.143-158, 2005.

SANTOS, Paulo S.Nolasco dos ; RUSSEFF, I. ; MARINHO, M. (Org.). *Ensaios farpados*: Arte e cultura no Pantanal e no cerrado. 2ª. ed. rev. ampl. Campo Grande: Editora Letra Livre / Editora UCDB, 2004.

SANTOS, Paulo S.Nolasco dos (Coord.). Regionalismos culturais: trocas, transferências, traduções. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, X, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada. *Anais*... 01-03/08/2007. 1 CD-Rom.

SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. On the Margins of the Paper, or the Text's shattered Body. In: XVIII CONGRESS OF THE INTERNATIONAL COMPARATIVE LITERATURE ASSOCIATION, 19, 2007, Rio de Janeiro. *Anais*... 29/07-04/08/2007. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. (Comunicação – Inédito).

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*: Intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Editora Edusp, 2005.

VASCONCELOS, Luiza Mello. *Cunhataí* e *O Livro da Guerra Grande*. In: SANTOS, P.S.N. dos. (Org.). *Divergências e convergências em literatura comparada*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p.259-263.

TAUNAY, Visconde de. *Visões do sertão.* São Paulo: Off. Graph. Monteiro Lobato, 1923, 247p.